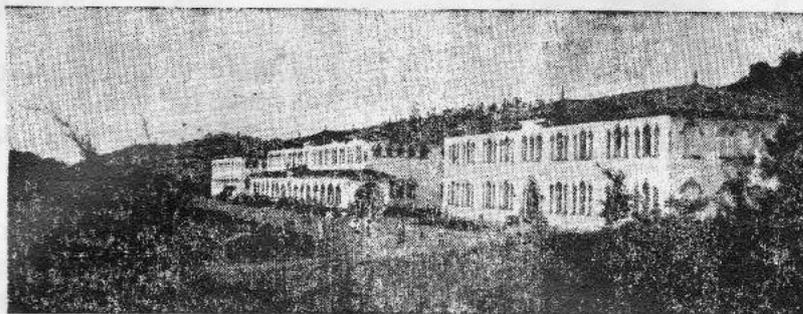


O CULTIVADOR

Diretor:

José Farah



Gerente:

M. Maestri

Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural dos Professores e Funcionários da Escola Agrotécnica do E. S.

ANO III — São João de Petrópolis, Fevereiro de 1950 — N.º 37

MAIS UM ANIVERSÁRIO

Com muita satisfação e bastante orgulho «O Cultivador» registra hoje mais um aniversário.

Bem ou mal, as dificuldades que surgiram durante a sua publicação foram vencidas até aqui, com a apresentação deste número, completando o seu segundo ano de vida.

Não foram inúteis os esforços despendidos em prol de uma orientação puramente agrícola. E pouco a pouco vamos alcançando a meta do caminho traçado. Sem o mínimo desfalecimento, eis-nos apresentando aos leitores amigos, um trabalho que representa alguma coisa em favor do homem que vive em contato direto com a terra.

«Cerra-se assim um ciclo; um novo ciclo se inicia. Em breve relance, o olhar balanceia rápido as canseiras idas e os obstáculos transpostos. É curto o passado. Dois anos transcorrem tão depressa que mal os vê passar quem vai imerso e absorvido no trabalho de cada dia. No entanto, olhados agora em conjunto, corporificados num todo os detalhes de cada momento de luta e de operosidade, somadas às parcelas de cada dificuldade, que as houve grandes e pequenas, pode-se deleitar o espírito e rejubilar o coração. O que era arrojo de sonhadores impenitentes, é hoje mais do que uma realidade, é êxito concreto».

Sim, a nossa máquina modesta representa bem o espírito que hoje nos anima e nos empolga.



Entrosados os nossos ideais com os ideais da Escola para bem servir a causa da lavoura, «O Cultivador», aí está, simbolizando essas campinas verdes, encantadas e cheias de esperança, onde o encarnado típico dos cafezais se confunde com o branco característico dos algodoads imensos — trabalhos rudes de nossos trabalhadores rurais.

Aí está, para marchar com o Brasil agrícola, através do colosso de seus vales e serranias, oferecendo ao homem do campo a sua ajuda incondicional afim de aumentar a colheita dos seus frutos e proporcionar um melhor meio de vida.

E estamos certos que esta realidade que nos envolve avulta progressivamente porque contamos com o apoio decidido de colaboradores idealistas com firmes propósitos de levarem avante a vitória da causa agrícola, motivo pelo qual a Diretoria de «O Cultivador» lhes agradece profundamente.



EXPEDIENTE

"O CULTIVADOR" é um órgão de divulgação mensal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender às classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica do "Espírito Santo".

São seus colaboradores os professores e funcionários desta Escola.

"O CULTIVADOR" aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no magno problema da produção.

Assinatura Anual — CR\$ 20,00

CORRESPONDÊNCIA

Redação de "O CULTIVADOR"
Escola Agrotécnica
São João de Petrópolis
Estado do Espírito Santo

UMA NAÇÃO CONSCIENTE dos seus recursos e da sua potencialidade trilha sempre o caminho da segurança, objetivando o seu progresso e o bem estar dos seus filhos. O Recenseamento não subestima e nem sobrestima, diz apenas a verdade, expressa na frieza inexorável dos números.

A TERRA BEM CULTIVADA

Daí sai o pão.

A terra que era pobre ficou tão bonita depois de lavrada, ficou parelhinha, tão lisa, riscada com riscos iguaes.

Parece penteda com um pente bem grande depois de bem molhada.

Aí cai a semente na terra lavrada. E ela germina.

E surge a plantinha, bonita, verdinha, de braços abertos pra todas as chuvas, ventos e sol.

Daí sai o pão que vai para a mesa dos homens suarotos, tristonhos, cansados, que saem das fábricas.

Daí sai o pão que vai para a mesa dos homens que pensam, dos homens que escrevem, de todos os homens que moram no mundo.

E tudo por causa da terra lavrada, bonita, riscada, com riscos iguaes.

NILO ALCANTARA SOARES

Notícias e Comentários

SOCIAIS

Em fevereiro, completaram mais uma primavera, os seguintes funcionários desta Escola: Wayne Braga, José Carneiro Coêlho, e Primo Ferreira.

Transcorreu, também em fevereiro, o natalício dos alunos: Orlando Batista Novelli, Jairo Botelho Teixeira, Carlos Luiz Costa, Otacy Fernandes, Napoleão Klem, Geraldo Matiello, Drasto Luiz Rosi, José de Leonissa Castellar, Wanildo José Janes, José Corrêa de Souza, Nilton José Scalzer, Edson Madeira, Romildo Mothé, Celey Nôra, e Jorge Dionízio da Silva.

A todos os aniversariantes, os votos de felicidades de "O CULTIVADOR".

Reuniões de Agricultores

A SECÇÃO DE FOMENTO AGRÍCOLA realizará demonstrações práticas e instruções aos agricultores sobre melhores métodos de cultivo, etc., nos dias e distritos seguintes:

- 11 de Março—ALTO PANCAS (Faz. do sr. Abilio de Oliveira Santos).
- 12 de Março—ALTO RIO NOVO (sede do distrito).
- 13 de Março—LAGINHA DO PANCAS
- 14 de Março—PATRÃO MÓR
- 15 de Março—GRAÇA ARANHA (Faz. dos Irmãos Pancieri).
- 16 de Março—MARILÂNDIA (no Campo Permanente de Café).
- 17 de Março—AGUIA BRANCA
- 18 de Março—BENJAMIM ZON (no viveiro de mudas de Café).

Os trabalhos das reuniões serão iniciados às 14 horas nos locais e dias acima indicados.

Depois das instruções práticas, serão postos à disposição dos agricultores, para venda pelos preços de custo, enxadas, foices, enxadões, machados (Collins), facões, extintores de formiga, arsênico, enxofre, bissulfureto de carbono, plantadeiras, arados e arame farpado.

À noite haverá projeção cinematográfica sobre assuntos de interesse para as populações rurais.

São convidados a comparecer todos os agricultores

BENVINDO DE NOVAES
Chefe da Secção de Fomento Agrícola.

PRÁTICA DA REPRODUÇÃO EM PORCOS

(Divulgação)

Para "O Cultivador"

Achamos de interesse dar um resumo dos dados e práticas que se relacionam com a reprodução dos suínos, mencionando as médias para os primeiros e aconselhando aquelas mais convenientes para as últimas.

Cio:— O cio, ou como muitos chamam, o *vício*, dura de 1 a 3 dias, repetindo-se com 18—20 dias de intervalo, se não houver fecundação.

Nos dias de cio é que a porca aceita o macho. Descoberto que a fêmea está no cio, põe-se com o varrão, o qual efetuará a cobertura.

Para maior segurança, 12 horas depois da primeira cobertura pode-se levar novamente a fêmea ao varrão, para efetuar-se outra cobertura.

Idade para a primeira cobertura:— O primeiro cio aparece quando a leitoa está com mais ou menos 5 meses de idade. No entanto, a primeira cobertura deve ser efetuada somente quando a fêmea atingir 1 ano de idade.

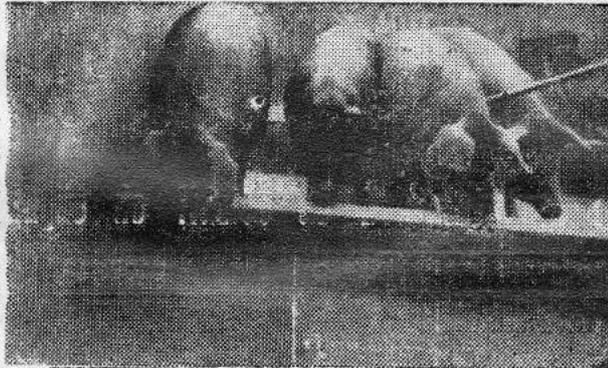
Cobertura em animal novo, que não tenha completado seu crescimento, prejudica não só ao próprio animal, como também aos leitões, os quais nascem pequenos e raquíticos.

E' imperioso se substituírem os velhos processos de Agricultura, pelas práticas modernas e mais eficientes.

Gestação:— Período que vai da cobertura ao parto. É quando dizemos que a porca está *prenhe*. Dura aproximadamente 4 meses.

A gestação termina com o parto, isto é, com o nascimento dos leitões.

Aleitamento:— O aleitamento vai desde o parto até o desmame dos leitões. O aleitamento deve durar de 2 a 3 meses, conforme o estado dos leitões. No fim desse tempo se fará o *desmame*.



Descanso:— Após o desmame dos leitões, devemos deixar a porca descansar de 1 a 2 meses, afim de se refazer das perdas ocasionados pela gestação e aleitamento.

Findo esse descanso, e quando aparecer um cio, por-se-á a fêmea a cobrir, com o varrão, iniciando-se nova gestação.

Adotando-se esta prática de desmamar os leitões aos 2—3 meses de idade e dar um descanso de 1—2 meses, e que é a melhor, a porca dará cria de 8 em 8 meses, ou seja 3 vezes em cada 2 anos.

“OS CENSOS BRASILEIROS vão criar uma consciência nacional, porque seus resultados nos convencerão de que o Brasil, pela sua grandeza continental e pelas seus recursos, pela sua crescente população e pelo trabalho honrado de seus filhos, está destinado a ser a Canaã da civilização contemporânea”.

Indústria Caseira da Goiaba

Amaury H. da Silveira
Engenheiro Agrônomo

A goiaba - *Psidium guajava* Raddi - é uma das mirtáceas americanas, provavelmente brasileira, de maior interesse industrial, mas que no Brasil se encontra quase sem cultivo e mesmo em estado selvagem.

A goiabeira frutifica de fevereiro a abril, sendo comum em quase todos os Estados.

A goiaba é um fruto piriforme, oval, às vezes redondo, de cor branca ou amarela externamente, e de tamanho que chega a atingir cerca de 8 cm de diâmetro. Distinguem-se duas variedades de goiaba: a de polpa vermelha e a de polpa branca. O fruto é uma baga carnosa, aromática e que encerra de 80 a 85% d'água, 4 a 6% de açúcar, possui muito tanino, além de ácidos tartárico, sucínico e málico. Seu teor em cálcio e ferro é fraco, não possuindo ácido cítrico e nem amido.

Quanto à riqueza vitamínica, a goiaba contém pouca vitamina C.

Com relação às propriedades medicinais, a goiaba, pela riqueza em tanino, é usada contra diarreia e desenterias, mas o abuso provoca prisão intestinal. Neste particular, o chá das folhas novas e grêlos é mais usado como remédio.

A goiaba é de pequena conservação, de transporte difícil, pelo que deve ser colhida «devez» para aguentar-se por mais tempo.

Além do consumo em espécie, da goiaba são obtidos os seguintes produtos: suco, sorvete, geléia, compota, goiabada lisa e caseão, goiabada seca e cristalizada, farinha de goiaba (goiaba «Flakes») e licor. Dêstes produtos, damos a seguir as receitas dos mais comuns:

Geléia

Cozinhar em pouca água os «miolos» (caroços) das goiabas que serviram para o preparo da goiabada, juntando-se também algumas goiabas inteiras bem maduras. Em seguida, coar em coador de flanela a massa quente. Juntar 1 parte de açúcar para cada 2 partes de suco. Levar ao fogo, forte, em panela de alumínio até atingir o ponto de geléia. Retirar do fogo e colocar em vidros de conserva, que são vedados e pasteurizados em banho-maria durante 15 minutos, quando se deseja guardar a geléia por longo tempo.

Compota

Escolher goiabas maduras, descascar, tirar os defeitos (pontos de ferrugem, partes duras, etc.), cortar ao meio, retirar as sementes com uma colher, lavar as metades, cozinhar em água até ficarem tenras durante 2 a 3 minutos, escorrer em peneiras de taquara, fazer um xarope de 3 partes de açúcar para 1 d'água, colocar as goiabas cozidas no xarope, levar ao fogo até o ponto ralo, colocar em vidro de conserva e esterilizar em banho-maria durante 15 minutos. Quando se faz compota caseira em pequena quantidade, pode-se obter uma linda cor vermelha deixando a mesma escurecer em fogo lento.

Goiabada Lisa

Para o fabrico caseiro de goiabada lisa ou comum deve-se proceder do seguinte modo: Escolher goiabas bem maduras, vermelhas, descascar, cortar ao meio, retirar os caroços, lavar, escorrer e pesar. Colocar num tacho de cobre, ferver ligeiramente, juntar 500 gramas de açúcar para cada 1.000 gramas de massa (goiaba), cozinhar em fogo brando, mexendo sempre com uma colher de pau para não agarrar até atingir o «ponto». Este conhece-se quando a goiabada deixa ver o fundo do tacho ou quando se mergulha uma faca molhada e sai enxuta ou ainda quando colocada num prato frio toma a consistência firme desejada. Tirar do fogo e colocar em latas rasas ou em caixinhas de madeira.

Das sementes se aproveita aquela mucilagem que as envolve para o fabrico de geléia, ou então, fervem-se juntamente com as goiabas, neste caso não precisam ser descadas, mas devem ser passadas na peneira e depois pesadas, antes de se juntar o açúcar.

Goiabada Caseão

Escolher goiabas maduras, tirar as partes duras e pretas sem descascar, cortar ao meio, retirar os caroços, lavar as metades, escorrer e pesar. Colocar em tacho de cobre, ferver ligeiramente, juntar 600 gramas de açúcar para cada 1.000 gramas de massa, cozinhar em fogo brando, mexendo com uma colher de pau para não agarrar até atingir o «ponto». Praticamente conhece-se como ficou descrito acima para goiabada lisa. Tirar do fogo, agitar bem e colocar em latas rasas ou em caixinhas de madeiras.

Atividades do Fomento Agrícola Federal

no Estado

SEGUNDO um comunicado, a Secção de Fomento Agrícola no Estado do Espírito Santo, tendo instalado viveiros para produção de Café Caturra nos Municípios de Mimoso do Sul, Alegre, Alfredo Chaves, Domingos Martins,

Colatina (São Domingos e Marilândia), Linhares (Goitacazes), estará, dentro em breve, produzindo cerca de 5 milhões de mudas para serem distribuídas entre os lavradores pelo preço de 10 centavos cada muda.



— Polvilhamento de cafeeiro com HCB, —

Para combate à BROCA DO CAFÉ

EM MUQUI — OUTUBRO 1940

É objetivo da secção de Fomento Agrícola facilitar aos cafeicultores a formação de lavouras de superior produção e fácil exploração, para o estabelecimento da cultura em bases de máximas possibilidades econômicas.

As mudas serão fornecidas, exclusivamente, áqueles que estiverem interessados em melhorar ou iniciar sua lavoura cafeeira, obedecendo à orientação técnica adotada pela Secção, que compreende:

- a) Conservação do solo
- b) Sombreamento
- c) Localização e plantios em condições de exploração econômica.

Para isso os interessados poderão procurar a Secção de Fomento Agrí-

CONTINUA na PÁGINA SEGUINTE

ATIVIDADES DO FOMENTO...

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR)



— Preparo mecânico de terreno para irrigação na Fazenda

INDEPENDÊNCIA — Município de Cacheiro de Itapemirim

Orientação Técnica da S.F.A. — Setembro de 1949

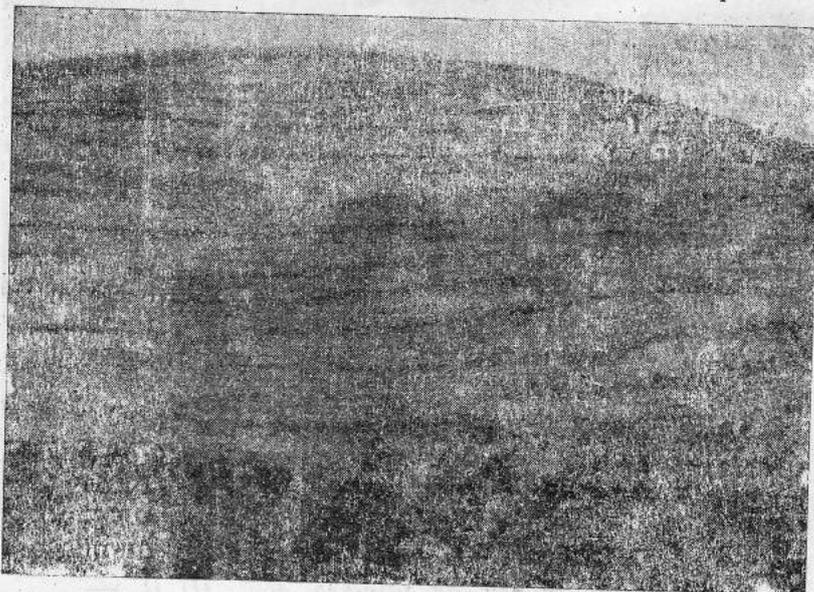
cola, Edifício Glória 4º andar, em Vitória ou a Residência agrícola dos Municípios acima referidos.

Para melhor orientação do serviço e evitar atropelos de última hora, há toda conveniência de os snrs. agricultores procurarem a residência agrícola mais próxima de Registro, declarando a quantidade provável de mudas que irá precisar.

preendimento, agora em que todas as forças nacionais se mobilizam para soerguer a produção de café. Aliás o Fomento Agrícola Federal, sob a Chefia do dinâmico e competente Engenheiro Agrônomo Dr. Benvindo de Novais vem cumprindo com um programa de assistência ao lavrador que o faz ser considerado, dentre os diversos serviços de acôrdo do Ministério da Agricultura com vários outros Estados da União, o mais organizado, o mais eficiente.

Não resta dúvida que grande é o em-

Em todos os setores de sua atividade agrícola, o Fomento procura estar presente, dando a orientação técnica devida, auxiliando os pequenos agricultores, através dos campos de cooperação permanente, orientando, distribuindo sementes e mudas, promovendo revenda de material agrícola por preços mínimos, promovendo reuniões e ministrando aulas, combatendo as pragas, ensinando como defender o solo da erosão, afastando os métodos rotineiros da enxada e introduzindo as máquinas de tração animal e mecânica, enfim, construindo uma mentalidade agrícola que eleve o nível do homem rural pelo aumento racional de sua produção.



— Cultura em Curva de Nivel em Recreio —

Município de Santa Leopoldina

O estêrco de Curral como Adubo

(Divulgação)

NA agricultura moderna um dos principais pontos da organização de uma fazenda é aquele referente ao aproveitamento integral do estêrco produzido pelos animais e dos demais resíduos orgânicos na mesma produzidos. Esse programa é essencial para a manutenção e melhoramento da produtividade do solo.

Infelizmente há ainda entre os nossos agricultores a certeza de que as terras brasileiras são tidas como de grande fertilidade.

Vai nisso, talvez, um exagero de patriotismo, exagero esse que nos impede de verificar que a maioria dos países agrícolas, de clima e solo idênticos ao nosso, produzem muito mais por unidade de superfície.

Nosso clima é um dos melhores para a agricultura. E se o clima é bom, por que então são pouco produtivas as nossas culturas? O defeito está nos processos culturais usados, na falta de combate às moléstias e pragas e principalmente na falta de adubação adequada. O lavrador poderá aumentar bastante suas colheitas, se souber aproveitar o adubo que sua fazenda pode produzir.

É rara a fazenda que aproveita o estêrco de curral convenientemente e mais rara ainda aquela que se utiliza dos outros resíduos, como palha de café, palha de feijão, e de arroz, serragem de madeira, ossos, sangue, excrementos de animais, resíduos de curtume, etc. Tudo isso representa uma verdadeira fortuna e pode contribuir muito para aumentar os lucros de uma exploração agrícola.

O estêrco ocupa o primeiro lugar entre os fertilizantes. Entre outras, o emprego do estêrco traz as seguintes vantagens:

- 1 — Evita a formação de crosta e o rachamento do solo, o que seca a terra e prejudica as raízes.
- 2 — Torna o solo mais fôfo e, portanto, mais próprio para o bom desenvolvimento das raízes.
- 3 — Estabelece ele o equilíbrio entre os extremos, isto é, torna mais leves os solos muito pesados, e mais pesados os solos muito leves.
- 4 — A matéria orgânica aumenta o poder de reter a água e favorece o arejamento da terra.
- 5 — O estêrco alimenta a planta direta e indiretamente. Diretamente porque leva para a terra princípios que as raízes absorvem e in-

diretamente porque solubiliza alimentos contidos no solo, mas que a planta não os aproveita, porque são insolúveis na água.

- 6 — O estêrco aumenta os microorganismos e torna a terra mais própria para sua vida.

Afim de obter um adubo mais rico e de ação mais rápida é preciso prepará-lo bem.

O estêrco bem curtido é de mais valor.

Em geral, a maneira mais eficiente, embora nem sempre a mais econômica, é a das esterqueiras cobertas, cercadas e com piso impermeabilizado. Há vários tipos, e, sobretudo, várias simplificações desse tipo ideal de esterqueira, indo até o caso mais simples que é o de simples montes. Estes, com altura aproximada de dois metros, são bem calcados e mantidos sempre húmidos. O sol e a chuva prejudicam muito o estêrco e, por isso, será conveniente cobri-lo. Se for possível, molhar os montes com a própria urina dos animais, porque esta urina é rica em alimentos para as plantas. O líquido que escorre dos montes, deve também ter aproveitamento seja para regá-los ou para empregar diretamente no campo como adubo.

Uma outra forma econômica e bem prática de esterqueira é aquela dos *Mangueirões* cobertos onde os animais são recolhidos à noite, ficando o estêrco depositado no mesmo lugar onde é produzido.

Para diminuir as perdas no curtimento, um dos pontos essenciais é a compactação, de forma a eliminar os espaços cheios de ar e a dificultar a circulação deste. No caso dos mangueirões a compactação é dada pelos próprios animais.

Além de compacto, o estêrco não deve ser submetido a lavagens excessivas e nem ser deixado muito seco. As regas não devem dar para escorrer.

A exposição à chuva pode provocar lavagens excessivas. Havendo um piso impermeabilizado com recipientes para a coleta do líquido que atravessa o estêrco, pode-se utilizar este líquido para as regas, como no caso dos montes.

Também a exposição direta ao sol ocasiona perdas por aquecimento e volatilização do azoto.

Para diminuir as perdas, fixando a amônia que se desprende do estêrco no processo do curtimento, assim como para corrigir a pequena riqueza do estêrco em fósforo, recomenda-se aplicar superfosfato nas esterqueiras ou montes.

Mas, o certo é que o estêrco curtido em esterqueiras especializadas, mangueirões ou mesmo em montes, uma vez empregado, constitui um fator decisivo no aumento da produção, exercendo importante papel no melhoramento das condições físicas do solo, não só para o desenvolvimento das culturas, como também para a sua continua conservação.

Qualidade do Café Exportado

LÚCIO F. RAMOS

O "Diário Oficial" de 18-2-1950, deu-nos detalhes do relatório do Presidente da Bolsa Oficial de Mercadorias, valendo destacar a notícia alviçareira de que, do café exportado pelo porto de Vitória em 1949, cerca de 40% foi do tipo 7 ou melhor.

Para um Porto conhecido em toda parte, como exportador do café mais baixo do Brasil, isto constitui um recorde, uma etapa de grande importância para a lavoura cafeeira do Estado, pois, podendo pelas suas condições de clima e de solo, produzir um café tão bom quanto os melhores do Brasil, foi até agora desanimado de caprichar na colheita e no beneficiamento, devido aos preços injustos que se lhe ofereceram como prêmio do capricho.

Resta-nos agora indagar, se a diferença a maior desses 40% de café tipo 7 e melhor, foi recebida pelos lavradores, ou se foi tal lucro acumular-se no bolso dos exportadores.

Quero crer mais nesta última hipótese. Quando se trata de comprar, as peneiras dos corretores e exportadores nunca encontram senão o tipo 7-8 ou pior.

Para vender ou exportar, sim. O café "melhora de tipo" nos miraculosos armazéns de Vitória!

O fato dos comerciantes do interior, iniciarem em 1949, o transporte direto do café em caminhões e a sua venda na praça do Rio, já foi uma salutar reação contra essa exploração.

Deus permita que essa fuga do nosso café para o Rio, continue em escala sempre crescente.

Será talvez o único meio possível, ou pelo menos o mais eficiente, para conseguir a justa cotação e com esta, a melhoria de preço com estímulo aos heróicos lavradores capixabas, os autênticos criadores dessa riqueza e no entanto, os únicos a suportarem o peso daquela desvalorização artificial e mesmo fraudulenta e criminosa.

Ou Vitória classifica com lealdade, pagando pelo justo valor o café que se lhe oferece, ou o café passará direto para o Rio!

Nada mais justo.

O corretor e o exportador precisam dar a mão ao produtor e não desprezá-lo, e não prejudicá-lo, como se fosse um pária.

PRODUÇÃO da ESCOLA em 1949

Núcleo de Agricultura Cr\$ 168.393,50

» » Zootécnia Cr\$ 66.566,90

» » Indúst. rurais Cr\$ 48.901,20

TOTAL Cr\$ 283.861,60

O UMBIGO DOS BEZERROS

(Divulgação)

M. MAESTRI

Muitos criadores se queixam da elevada quantidade de mortes de bezerros que ocorre todos os anos em suas fazendas. As causas dessas mortes são diversas, mas a principal delas reside nas *doenças*.

Sabem os criadores que várias doenças atacam os bezerros — o curso branco, a tristeza (paratifo ou curso), a peste dos pulmões, a umbigueira, a pneumoenterite (pneumonia com diarreia), a diarreia de sangue, os vermes (curso preto). Mas muitos ignoram que a maioria das doenças citadas penetra no organismo do bezerro por intermédio do *umbigo*, nos primeiros dias do nascimento.

Na verdade, o umbigo constitui uma ligação do meio exterior com as partes internas do bezerro (o umbigo vai dar ao fígado) e por isso, quando ainda não cicatrizado, forma um caminho adequado à entrada de germes causadores de doença no organismo indefeso do animal.

Citam-se, a seguir e por curiosidade, as doenças mais importantes que penetram no corpo do bezerro principalmente pelo umbigo:

1. *Curso branco* — diarreia leitosa
2. *Tristeza, curso* — diarreia catarrenta
3. *Peste dos pulmões, caroara (piobacilose)* — tumores espalhados pela pele e nas juntas.
4. *Umbigueira* — inflamação do umbigo

Como se vê, grande número de doenças daquelas que maiores prejuízos causam à bezerrada.

Diante disso, salta logo à vista a importância dos cuidados que devemos ter com o umbigo do bezerro recém-nascido. São cuidados simples e fáceis que evitam por completo a penetração de germes causadores de doenças e significam, portanto, a eliminação de quase toda a mortandade de bezerros na criação.

Nenhum criador inteligente deixará, por certo, de executar tais cuidados, em vista de sua facilidade e dos benefícios que trazem.

Podemos resumir esses cuidados no seguinte:

- 1º.) *Lavar o umbigo com água de creolina ou com água boricada.*
- 2º.) *Cortar o cordão 1 a 2 dedos abaixo do anel umbelical (abaixo da pele donde sai o cordão). Às vezes a própria mãe faz esse serviço. Para não sair sangue, podemos amarrar, antes, o cordão com um barbante, desinjetado e depois efetuar o corte.*
- 3º.) *Curar o umbigo, passando tintura de iodo, que se compra nas farmácias, ou então pincelando com uma das creolinas que se encontra no comércio.*

Produção do Núcleo de Indústrias Rurais da Escola Agrotécnica, em 1949

		ESPÉCIE	QUANTIDADE	VALOR — CR\$.
I) Indústria de Laticínios				
1	Manteiga		1.076,550 Kg.	Cr\$ 27.814,20
2	Queijo		38,000 >	> 590,00
3	Requeijão		144,500 >	> 1.445,00
4	Leite desnatado		28.420,500 >	> 8.425,00
5	Caseína		4,000 >	> 40,00
6	Doce de Leite		41,500 >	> 332,00
			SOMA	Cr\$ 38.646,20
II) Indústrias de Conservas				
1	Massa de tomate		814,500 Kg.	Cr\$ 8.587,00
2	Compota de figo		15,000 >	> 300,00
3	Compota de tomate		6,000 >	> 120,00
4	Suco de tomate		9,000 L	> 45,00
5	Petit-pois		15,000 Kg.	> 300,00
6	Chucrute		100,000 >	> 600,00
7	Picles		7,000 >	> 56,00
8	Catsup		4,500 L	> 67,00
9	Linguiça		15,000 Kg.	> 180,00
			SOMA	Cr\$ 10.255,00
SOMA TOTAL:				CR\$ 48.901,20

Produção do Núcleo de Zootecnia em 1949

		ESPÉCIE	Quantidade	PESO	Valor em Cr\$.
I) Bovinocultura					
1	Leite		11818,4 litros	—	Cr\$ 14.282,40
2	Esterco		—	70 toneladas	> 2.100,00
3	Animais abatidos		7	1061 kg.	> 4.244,00
II) Avicultura					
4	Ovos para consumo interno		1568 dz 8	—	Cr\$ 7.623,00
5	Ovos vendidos para consumo		138 dz 4	—	> 843,50
6	Ovos vendidos para reprodução		108 dz	—	> 1.224,00
7	Aves consumidas		91	—	> 910,00
8	Aves vendidas para consumo		19	—	> 190,00
9	Aves vendidas para reprodução		43	—	> 470,50
III) Suinocultura					
10	Porcos vendidos p/. reprodução		27	467 kg.	Cr\$ 4.261,50
11	Porcos vendidos para engorda		7	140 kg.	> 980,00
12	Porcos abatidos para consumo		34	2714,70	> 27.147,00
13	Porcos enviados para consumo		2	24	> 168,00
14	Barrigadas de porco vendidas		30	—	> 655,00
IV) Apicultura					
15	Mel		83,3 litros	—	Cr\$ 833,00
16	Cera		—	10 kg.	> 50,00
V) Ovinocultura					
17	Esterco		—	10 toneladas	Cr\$ 300,00
18	Animais abatidos		4	157 kg.	> 285,00
SOMA TOTAL					CR\$ 66.566,90

A Cachoeira de Paulo Afonso

José Parah

(Palavras lidas para os alunos em Reunião Geral)

Há muitos e muitos anos que a Cachoeira de Paulo Afonso vinha sendo cantada e decantada pelos homens do Brasil sem que nenhum Governo tomasse a iniciativa de seu aproveitamento.

Coube, entretanto, ao atual Presidente da República, General Dutra, numa patriótica ousadia pela grandeza do empreendimento, sacudir o fenómeno Paulo Afonso do seu leito de pedras brancas onde dormia o seu sono agitado e provocador.

Dir-se-ia um gigante a desafiar a inteligência humana na linguagem característica e estrondosa de suas eataratas, na força miraculosa de sua grande queda.

Formada pelas águas de um rio, genuinamente brasileiro — o São Francisco — a Cachoeira de Paulo Afonso constitui um verdadeiro presente dos céus à nossa Pátria.

E hoje, tudo faz crer que a vida está despontando na predegosa área de Paulo Afonso.

Onde antes era a planície imensa e quase desabitada, alguns milhares de homens se agitam, criando cidades, e extraíndo energia de formidável queda d'água. E os velhos caminhos de Geremoabo e Canudos estão outra vez empoeirados, desperitados pelo ruído dos motores sacudidos pelo vai e vem dos novos viajantes, na maioria nervosos homens do litoral que levam ao São Francisco toneladas de material mecânico.

E quando a obra estiver completa, então a zona se transformará inteiramente, com a civilização batendo a porta dos abandonados num convite à busca da riqueza do vale.

Cerca de 7 milhões de brasileiros, habitando 209 municípios de 5 Estados, numa área de 219.998 km², que é a área de influência econômica da hidro-elétrica, ver-se-ão de repente na posse da energia criadora e poderão dispor, eles que nunca tiveram nada, dos mais positivos elementos de progresso.

A zona de influência da usina, cobre parte dos Estados da Paraíba, Pernambuco e Baía e totalmente os Estados de Alagoas e Sergipe.

O potencial econômico dessa zona permite que se conte, na primeira etapa da construção da grande hidro-elétrica de Paulo Afonso, com a utilização de cerca de 100.000 Kw. Na última etapa, a potência total prevista será de 900.000 Kw. cada uma.

Com o aproveitamento da Cachoeira, o que se visa é a conquista da terra e reabilitação do homem daquelas paragens.

Só para esta primeira etapa, isto é, a conquista de 100.000 Kw, as obras previstas da construção da usina elétrica estão orçadas em 850 milhões de Cruzeiros.

Para finalizar, sem entrar em outros pormenores, resumo aqui, o vulto desta grande e monumental obra, no seguinte:

Monstros de aço já se movimentam

nas proximidades da Cachoeira de Paulo Afonso por entre formigueiro humano ali reunido, nas duas margens do rio.

Cerca da 5.000 homens estão sendo empregados nas obras, e máquinas de diversos tipos estão sendo utilizadas. O trabalho a realizar é ciclópico. Geradores e turbinas serão colocados no interior da rocha, ao nível do rio, depois da Cachoeira. A rocha será perfurada em dois sentidos: de cima para baixo, na distância de 80 metros, por túneis gigantescos e em sentido horizontal. Para se ter uma idéia do mundo de escavações a realizar, dentro da rocha, basta registrar que o volume a ser retirado deverá atingir aproximadamente 50.000 metros cúbicos. O revestimento dos túneis e da casa de máquinas, plantada no meio da rocha, deverá atingir a cifra de 10.000 metros cúbicos aproximadamente.

E não fica nisso. O volume das escavações para as fundações da barragem é da ordem de 80.000 metros cúbicos e o volume de concreto a ser utilizado na barragem aproxima-se de 225.000 metros cúbicos. O projeto da barragem prevê a sua construção em duas secções, formando um funil:

- barragem leste com um desenvolvimento de 3.104 metros dos quais 2.500 são em vertedouro.
- barragem oeste com um desenvolvimento de 1.309 metros, toda ela insubmersível.

A travessia dos diversos braços do rio será feita com uma barragem movel de comportas, sendo 10 no braço principal, 8 no braço Quebra e 8 no braço do Taquari.

Estas comportas serão suportadas por pilastras de 2 metros de largura, com uma passarela no topo onde serão instalados guinchos de manobra.

Eis aí, caros alunos, algumas notícias desta gigantesca obra no São Francisco. Não resta dúvida que é ela o alvo para onde estão voltadas todas as consciências nacionais.

É o Vale do Tennessee brasileiro que resurge no Nordeste para a redenção econômica do povo e de nossa terra.

«O nordeste, assento de um núcleo de homens fortes, inteligentes e animosos, terá possibilidades que realçarão as grandes qualidades da sua gente e a esta permitirão o conforto, de que é digna».

E Paulo Afonso, com os seus 800.000 cavalos de potencial, ficará na História do mundo como uma realização que há de imortalizar um grande Governo de um grande povo.

A Drenagem

QUANTOS terrenos há por aí que não são aproveitados para o plantio de culturas devido apresentarem encharcados? Às vezes, são terras fertilíssimas mas que infelizmente, continuam abandonadas, sem nada produzir e abrigando mosquitos portadores de moléstias.

Apesar de constituir uma prática bem antiga, entre nós a não ser o governo e alguns particulares, a drenagem é rara entre os nossos lavradores.

Sabemos que os seus efeitos são consideráveis. Aumenta a permeabilidade do solo para as águas da chuva, faz desaparecer a humidade superficial, diminui a evaporação e ocasiona uma menor perda de calor no inverno. Favorece o acesso do ar, com o qual aumenta a atividade química do solo. Por tais circunstâncias, a fertilidade dos terrenos é maior e, conseqüentemente, mais abundantes os produtos obtidos.

Terrenos muito húmidos e quase improdutivos, graças a drenagem, tornam-se em fertilíssimas terras.

É certo que nos terrenos escassamente produtivos, por excesso de humidade, é onde mais se fazem notar os efeitos da drenagem. São também admiráveis nos terrenos áridos, nos argilosos, compactos, e impermeáveis, que no verão se tornam secos e duros, rachando facilmente, visto a drenagem preservar as plantas da seca estival, em cujos terrenos é o maior inimigo.

Sucede assim, por 2 razões: em primeiro lugar, porque a drenagem favorece a infiltração da água que desaparecerá por evaporação, pois toda a capa do solo compreendida entre a zona de drenagem e a superfície externa, fica embebida de água numa quantidade conveniente; além disso quando a humidade se esgota no verão é suprida pela que produz o ar ao circular pela rede de drenagem.

Por estes dois motivos, os terrenos melhorados por tal forma, mantem-se mais húmidos e mais frescos no verão, e, tais circunstâncias favorecem a vegetação indistintamente em toda a espécie de solos, mas de um modo especial que não são secos.

Assim, estes terrenos planos que vivem cheios de água estagnada, podem tornar-se produtivos, valorizando-os. Basta às vezes um simples canal (dreno) para dar escoamento à água parada.

É uma prática fácil, barata e que deve ser feita por todos que possuem terrenos daquele tipo. É um capital que pode render muito juros, caso seja explorado convenientemente.

TER OU CRIAR ABELHAS

GUILHERME GIESEN

SO alguns povos que ainda não sabem dar o merecido valor aos laboriosos insetos a que me vou referir. E entre estes está em grande parte o povo de nossa terra. O Brasil em relação ao seu tamanho, à sua riqueza florestal poderia sem dúvida ser um dos maiores produtores de mel e cera do mundo, se não fosse tão reduzido o número daqueles que criam abelhas de acordo com os métodos modernos e não existissem tantos abelheiros que possuem abelhas, simplesmente por as possuírem. Porque, entre criar e ter abelhas vai grande diferença.

Criar abelhas quer dizer, tê-las em caixas apropriadas onde as abelhas se veem obrigadas a trabalhar seus favos dentro dos caixilhos ou quadros, facilitando assim as intervenções do apicultor, tornando-se também possíveis as revisões, tão necessárias para verificar o estado da colméia ou enxame, a postura da rainha, o grau de desenvolvimento da cria, a quantidade de mel, a presença de lagartas ou traças, etc.

Ter abelhas, pelo contrário, quer dizer enfiar um enxame, muitas vezes de notável tamanho, em um caixão de gazolina e deixar o resto entregue às abelhas, que, como sabemos fixam seus quadros na tampa do mesmo caixote, prendem-nos pelos lados e muitas vezes até no fundo ou assoalho.

Colméias assim formadas são livros cheios de ensinamentos, porém, fechados e que ninguém pode ler. Ha neles muitas vezes coisas lindas que ninguém pode observar, e outras, horrores mui grandes que necessitariam correções urgentes que, por ser o ninho um bloco todo massiço, são meramente impossíveis.

E, não só o abelheiro, desta maneira, não tira lucro de suas colméias como também serve de propagador dos diversos parasitas que em saindo de seu colmeal onde se criam à vontade, vão molestar ou até exterminar as abelhas do apicultor inteligente e caprichoso que procura seguir os métodos modernos e lucrativos na criação destes insetos tão úteis à humanidade, como o são as abelhas. — A todos aqueles que ainda seguem em suas abelhas o antigo método do óco de pau, faço um apelo sincero para que experimentem com uma só colméia, em caixas adequadas e em poucos anos não teremos mais abelheiros e sim apicultores com rendas mui superiores à que dão as abelhas metidas nesses caixões «Jacaré» ou «Esso». — Tipos, tamanhos e dimensões das caixas e demais apetrechos apícolas, a Escola Agrotécnica de S. J. de Petrópolis os fornece a quem a ela se dirigir.

Criemos abelhas por processos modernos e veremos como há de sobejar o mel em nossa mesa; nossos filhos terão mais saúde e portanto menos vezes tomaremos o caminho da farmácia, porque como sabemos, o mel preserva-nos de inúmeros males, principalmente do câncer, conforme o confirmam as estatísticas.

Faça o lavrador para a abelha o que a abelha faz para o lavrador.

O CULTIVADOR

Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural dos Professores e Funcionários da Escola Agrotécnica do Espírito Santo

ANO III

São João de Petrópolis, Fevereiro de 1950

Nº. 37

“O CULTIVADOR”

J. N. OLIVEIRA NETO

Nota da Redação: Possui para nós especial significação o presente artigo, que transcrevemos de “A Tribuna” de Vitória, de 25-2-50 — é o primeiro reconhecimento público dos esforços que vimos desenvolvendo em prol do melhoramento dos métodos de lavoura e criação, em nosso Estado, e que, surgindo justamente ao completar seu segundo ano de existência, nos reconforta e anima e, muito mais que isso, nos enche de responsabilidade e nos fixa na determinação de continuar fazendo de “O Cultivador” um órgão exclusivamente dedicado ao lavrador e aos assuntos da lavoura.

«Recebi há poucos dias, por intermédio d' “A Tribuna”, uma coleção do jornalzinho “O Cultivador” editado na Escola Agrotécnica do E. Santo, localizada em São João de Petrópolis, no Município de Santa Teresa. Agradeço a gentil oferta dos responsáveis por aquele periódico crendo ser, antes de tudo, uma singela quanto expressiva resposta ao artigo que escrevi há tempos, neste jornal, a respeito da agricultura capixaba, em que lamentei a falta de publicações de caráter agrícola em nosso Estado. De fato desconhecia a existência d' “O Cultivador” motivo pelo qual não o mencionei e, assim, é com prazer que retifico essa falta involuntária sem que entretanto, deixe de reconhecer a falta de publicações destinadas a orientar o nosso agricultor apesar da valiosa contribuição emprestada por aquela publicação.

Mas, como já disse, esse artigo é destinado a reparar uma falta involuntária, por não ter conhecimento d' “O Cultivador”. E vejamos o que é, realmente, essa publicação.

“O Cultivador” — um órgão mensal, editado pelos professores e funcionários da Escola Agrotécnica do E. Santo e sua finalidade é difundir, unicamente, ensinamentos agrícolas e a marcha dos acontecimentos da Escola. Boa apresen-

tação gráfica, a matéria bem disposta, revela o carinho e a atenção com que é dirigida pelo seus dirigentes. Tem como Diretor o Sr. José Farah, Gerente o Sr. M. Maestri, e, em seu número de dezembro passado, apresenta artigos assinados por Guilherme Giesen, Dr. Braz Cola, Amaury H. da Silveira e outros. Os assuntos abordados são diversos como apicultura, combate ao carrapato, criação de pintos, transplantio, etc. e neles nota-se a intenção de serem compreendidos pelos nossos lavradores, pois estão escritos em linguagem simples sem a preocupação demasiada de termos técnicos.

É realmente uma publicação que deveria ser difundida no máximo em nosso meio rural, pois se tornaria um guia prático e eficiente para o nosso lavrador tão necessitado de ensinamentos, principalmente aqueles que desejam progredir. Sendo a sua assinatura barata (Cr\$ 20,00 anuais), acreditaria que muitos lavradores, inteirados da finalidade da publicação, não se negariam em tomar assinaturas. Bastaria, creio um agente em cada um dos nossos municípios, agente esse ligado ao meio rural ou que estivesse em constante contato com os lavradores.

Felicito daqui destas colunas, apesar de seus dois anos de existência, os dirigentes da Escola Agrotécnica pela brilhante idéia que tiveram em brindar os lavradores com a excelente publicação “O Cultivador” que preenche, perfeitamente, a sua função em nosso meio rural. A direção da Escola, tendo à frente a dinâmica figura do Sr. Lúcio Ramos, compreendeu a necessidade de uma publicação no gênero, não se limitando a ensinar em seu modelar estabelecimento, mas estender em campo mais vasto os ensinamentos agrícolas através das colunas amigas do “O Cultivador”, sem quaisquer preocupações políticas — coisa tão rara em nossos tempos.

Desta forma, retifico o artigo que escrevi há tempos. Retifico dizendo que existe um órgão destinado à ensinamentos simples e práticos aos lavradores capixabas. Faço-o com inteira justiça e livremente seguindo a minha ética, desejando uma vida longa e próspera, que o torne cada vez mais útil à nossa comunidade rural, tão necessitada do amparo do poder público. A jornada é grande e cheia de sacrifícios, mas isto é próprio aos que sabem lutar, aos que não desanimam, aos que batalham por um ideal nóbre como esse de ajudar a laboriosa classe agrícola, classe que moureja sol a sol cultivando a nossa gleba, arrancando dela os frutos de um trabalho exaustivo, mas ainda tão pouco recompensado por falta de aplicação dos modernos métodos.»